

Operacionalização de pesquisas na perspectiva da estratégia como prática: estudo de caso longitudinal ou retrospectivo?

Felipe Kopp Leite¹

Resumo

A opção por uma estratégia de pesquisa para operacionalizar uma investigação qualitativa varia de acordo com a lente teórica que o pesquisador adota em seu trabalho. No caso da perspectiva da estratégia como prática, a estratégia do estudo de caso parece se alinhar aos seus preceitos. Contudo, dentro desta estratégia, existem diferentes formas de operacionalização, isto é, estudos longitudinais ou retrospectivos. Frente a isto, este ensaio se norteia a partir da seguinte questão de pesquisa: “Como os tipos de estudo de caso se alinham (ou não) a operacionalização de pesquisas na perspectiva da estratégia como prática?”, o objetivo deste ensaio foi discutir como os tipos de estudo de caso se alinham (ou não) a operacionalização de pesquisas na perspectiva da estratégia como prática. Para tanto, foram selecionados estudos sobre a temática a partir dos critérios de domínio e profundidade dos temas em tela para possibilitar uma reflexão sobre o tema proposto, bem como formar proposições a partir das discussões. Discutindo a operacionalização de pesquisas dentro da perspectiva da estratégia como prática, constatamos o alinhamento do estudo de caso longitudinal com a perspectiva teórica em análise. Também percebemos a incompatibilidade da estratégia como prática com o estudo de caso retrospectivo. Deste modo, esperamos contribuir por meio de reflexões que possibilitam a estudiosos da perspectiva da estratégia como prática optar por um caminho teórico-metodológico para operacionalizar seus estudos.

Palavras-chave: Estratégia Metodológica; Estratégia como Prática; Tipos de Estudo de Caso; Ensaio Teórico.

Abstract

The option for a research strategy to operationalize a qualitative investigation varies according to the theoretical lens that the researcher adopts in his work. In the case of the strategy as practice perspective, the case study strategy seems to align with its precepts. However, within this strategy, there are different forms of operationalization, that is, longitudinal or retrospective studies. In view of this, this essay is guided by the following research question: “How do the types of case study align (or not) with the operationalization of research from the perspective of strategy as practice?” The objective of this essay was to discuss how the types of case studies align (or not) with the operationalization of research from the perspective of strategy as practice. To this end, studies on the topic were selected

¹ Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

based on the criteria of mastery and depth of the themes in question to enable reflection on the proposed topic, as well as forming propositions based on the discussions. Discussing the operationalization of research within the perspective of strategy as practice, we found the alignment of the longitudinal case study with the theoretical perspective under analysis. We also noticed the incompatibility of the strategy as a practice with the retrospective case study. In this way, we hope to contribute through reflections that enable scholars from the perspective of strategy as practice to opt for a theoretical-methodological path to operationalize their studies.

Keywords: Methodological Strategy; Strategy as Practice; Types of Case Study; Theoretical Essay.

Introdução

A opção por uma abordagem e por uma estratégia de pesquisa é um desafio para muitos pesquisadores. No meio acadêmico tem-se o objetivismo voltado ao funcionalismo e ao positivismo, bem como o subjetivismo que foca na corrente interpretacionista (Vergara; Caldas, 2005). Neste seio, cabe ao pesquisador optar por aquela corrente que mais se encaixa a sua visão de mundo, e a partir de então aprofundar seus estudos para operacionalizar a sua investigação e responder a sua questão de pesquisa.

Para que o pesquisador opte por uma das abordagens, é necessária um aprofundamento a partir da lente teórica que se deseja adotar, uma vez que cada construto teórico se encaixa com determinadas opções metodológicas. Ademais, este delineamento é fundamental para que a pesquisa apresente contribuições reais ao âmbito acadêmico ou profissional. Com o intuito de exemplificar isto, tomaremos a lente teórica da estratégia como prática como pano de fundo para discutir as estratégias metodológicas.

A perspectiva da estratégia como prática apresenta uma ruptura com a estratégia tradicional focada no CEO ou estrategista das organizações, passando a observar a visão micro do processo estratégico, o qual aborda o cotidiano organizacional (Whittington, 1996; Golsorkhi et al., 2015) por meio de práticas organizacionais e sociais (Feldman; Orlikowski, 2011), debatendo um olhar sociológico da estratégia e como se dá o “fazer estratégia” (Jarzabkowski, Balogun; Seidl, 2007; Lavarda; Carneiro; Rese, 2019; Whittington, 1996; Whittington, 2006).

Frente a este debate sociológico da estratégia e como ela é realmente formada, é possível perceber que a perspectiva da estratégia como prática se

alinha com um ideal subjetivista da abordagem interpretacionista e qualitativa, buscando compreender como os atores organizacionais agem no seu cotidiano para a formação da estratégia. Com isto, entendemos que a operacionalização de estudos de caso podem proporcionar achados relevantes desta perspectiva. Ademais, também se vislumbra a possibilidade de pesquisadores e atores organizacionais compreenderem esta “virada” que a estratégia tradicional tem passado e conseqüentemente aprofundar estudos na área, assim como fazer uso dessas novas possibilidades em atividades profissionais (Whittington, 2011).

No universo dos estudos de caso, têm-se possibilidades voltadas para as correntes positivistas (Yin, 2008) e interpretacionistas (Stake, 1995). Além disso, dentro destas correntes, observamos diferentes formas de estudar um caso, isto é, longitudinalmente (Yin, 2008) ou retrospectivamente (Voss; Tsikriktsis; Frohlich, 2002). O primeiro analisa o objeto ao longo do tempo, com o pesquisador permanecendo em campo e coletando dados por um determinado período de tempo ou em diferentes pontos ao longo do tempo (Yin, 2008). Enquanto que no segundo, o pesquisador seleciona um período passado do seu objeto e coleta dados pertinentes daquela realidade (Voss; Tsikriktsis; Frohlich, 2002). Assim, espera-se discutir as opções por um dos alinhamentos do estudo de caso frente à perspectiva da estratégia como prática.

Frente a isto, este ensaio teórico alinha-se aos preceitos de Sutton e Staw (1995) e Whetten (2003) e é norteado pela seguinte questão de pesquisa: Como os tipos de estudo de caso se alinham (ou não) a operacionalização de pesquisas na perspectiva da estratégia como prática? Pretende-se desenvolver dois passos para alcançar uma resposta a questão apresentada: (i) selecionar artigos sobre a temática proposta em bases de dados nacionais e internacionais; e, a partir desta seleção, (ii) realizar, a partir dos critérios de domínio e profundidade do tema de Rother (2007), uma construção teórica sobre o estudo de caso longitudinal e retrospectivo, e a estratégia como prática. A partir destes dois passos, pretende-se discutir teoricamente as aplicabilidades de ambos os tipos de estudo de caso frente à perspectiva da estratégia como prática, para posteriormente responder a questão de pesquisa quanto ao alinhamento das estratégias de pesquisa a perspectiva da estratégia como prática.

Este ensaio teórico encontra-se dividido em quatro partes. Além da introdução apresentada, o estudo é composto por um marco teórico que envolve a perspectiva da estratégia como prática, estudo de caso longitudinal e estudo de caso retrospectivo. Na sequência, será apresentada uma seção de discussões e proposições de estudo que buscará compreender o alinhamento das estratégias de pesquisa do estudo de caso longitudinal e retrospectivo frente à perspectiva da estratégia como prática, bem como formular proposições de estudo. Por fim, tem-se a seção de considerações finais para concluir este ensaio teórico apontando as contribuições, limitações e futuras linhas de pesquisa.

Estratégia como prática

A vertente tradicional de pesquisa em estratégia por meio da abordagem prescritiva, descritiva e da configuração (Mintzberg; Ahlstrand; Lampel, 2010) sofreu uma virada desde a publicação seminal de Whittington (1996), a qual passou a abordar a estratégia com uma perspectiva voltada para a prática. Desde então, a perspectiva da estratégia como prática ganhou força no que tange as análises da gestão da estratégia por meio da visão micro, isto é, a estratégia organizacional passou a ser vista como uma prática que emerge dentro das organizações e não mais com a visão centralizadora do estrategista (Golsorkhi et al., 2015; Mintzberg; Waters, 1985; Whittington, 1996).

Por meio desta lente, Hautz, Seidl e Whittington (2017) apontam que a estratégia não é algo que pertence a uma organização, mas sim, algo que é realizado dentro dela. Destaca-se isto, uma vez que a partir desta perspectiva, houve uma virada na forma de pensar as estratégias organizacionais, passando a abordar questões sociológicas, as quais antes eram negligenciadas dentro do contexto organizacional (Hautz; Seidl; Whittington, 2017; Jarzabkowski, 2005; Whittington, 1996; Whittington, 2011).

Estes apontamentos para questões sociológicas da estratégia são vistos por Whittington (2011) como de suma importância na perspectiva da estratégia como prática. Tal fato é exposto tendo em vista que Whittington (2011), bem como Burgelman *et al.* (2018), apontam que a lente da estratégia como prática foca nas práticas da estratégia, na práxis da estratégia e nos praticantes da estratégia. Jarzabkowski, Balogun e Seidl (2007) especificam cada um destes

elementos, iniciando pelas práticas, as quais envolvem comportamentos, ferramentas, bem como aspectos cognitivos que moldam o real fazer estratégia. A práxis é entendida como as atividades organizacionais em torno das estratégias por meio da ligação entre grupos de posições diferentes. Por fim, os praticantes são entendidos como aqueles atores que, por meio das práticas e das práxis, moldar a estratégia da organização.

Jarzabkowski, Balogun e Seidl (2007) compreendem a intersecção destes três elementos que emergem da estratégia como prática como o *strategizing*, ou seja, o fazer estratégia. O *strategizing* pode ser compreendido a partir de ações, interações e negociações entre diversos atores e práticas com o intuito de fazer estratégia (Jarzabkowski, 2005; Jarzabkowski; Balogun; Seidl, 2007). Ademais, a partir dele, emergem vertentes de pesquisa que tomam a perspectiva da estratégia como prática como lente teórica por meio da análise do *strategizing*, por exemplo, a *open strategy* (Chesbrough; Appleyar, 2007) ou *open strategizing* (Faraj; Jarvenpaa; Majchrzak, 2011).

A *open strategy* (abertura da estratégia) pode ser entendida como o envolvimento de diversos atores na organização, tanto internos quanto externos, no que tange a formação de sua estratégia (Whittington, 2011). Este fenômeno de abertura proporciona a participação destes atores por meio da inclusão no processo de formação e da transparência das informações (Hautz; Seidl; Whittington, 2017; Yakis-Douglas *et al.*, 2017). A partir destes pontos mencionados quanto a *open strategizing*, abre-se a possibilidade de maior compreensão e comprometimento dos atores organizacionais com a estratégia e conseqüentemente no seu resultado (Hautz; Seidl; Whittington, 2017).

A partir desta apresentação teórica sobre a perspectiva da estratégia como prática, bem como o *strategizing* e das possibilidades de pesquisa em torno do fenômeno *open strategy* ou *open strategizing*, a próxima seção indica uma abordagem metodológica e um tipo de pesquisa que se enquadram no que fora apresentado até então.

Pesquisa qualitativa e a estratégia do estudo de caso

Definimos para esta seção a abordagem metodológica qualitativa, pois entendemos que ela possibilita um aprofundamento em estudos que adotem a perspectiva da estratégia como prática. Nosso entendimento parte da essência da pesquisa qualitativa de explorar o significado que um grupo de atores confere a um determinado fenômeno (Creswell, 2010). Além disso, a pesquisa qualitativa proporciona uma série de compreensões para um determinado fenômeno por meio de suas diversas formas de operacionalização, tais como: as estratégias de pesquisa, a análise verbal e não verbal, as diversas formas de coleta de dados e a interpretação e experiências do pesquisador (Creswell, 2010; Stake, 2011).

Neste contexto, o pesquisador qualitativo deve se atentar ao planejamento de sua pesquisa, seja sua escolha paradigmática voltada para o pós-positivismo ou construcionismo social (Alves-Mazzotti, 2000). Segundo Alves-Mazzotti (2000), as características que diferem uma escolha da outra envolve o grau de estruturação, isto é, enquanto a primeira é definida por meio de escolha do campo, da teoria e dos procedimentos metodológicos de forma prévia, a segunda na não definição *a priori* destas escolhas.

Observando as possibilidades de estratégias de pesquisa disponíveis no universo da pesquisa qualitativa, percebemos que as opções paradigmáticas do pesquisador também influenciam nesta escolha. Nossa percepção passa pela opção do pesquisador por operacionalizar suas investigações por meio do estudo de caso (Stake, 1995; Yin, 2008). Entendemos, a partir de Yin (2008), que esta estratégia de pesquisa propicia o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, uma vez que ela busca responder questões do tipo “como” ou “por que”.

Retomando o que fora exposto sobre a opção paradigmática no pesquisador na escolha do estudo de caso, Godoy (2006) aponta que Robert Stake e Robert Yin convergem em suas colocações quanto ao estudo de caso. Entretanto, divergem quanto a aspectos metodológicos do estudo de caso (Godoy, 2006). Corroborando com isto, Alves-Mazzotti (2000) apontou que em pesquisas qualitativas, o pesquisador opta por uma posição paradigmática e isto não é diferente dentro da opção pela estratégia de pesquisa do estudo de caso. As divergências entre Robert Stake e Robert Yin giram em torno de suas

posições paradigmáticas, com o primeiro se baseando no construcionismo social e o segundo no pós-positivismo (Alves-Mazzotti, 2006).

Para compreender tais divergências, é necessário entender que as definições de Yin sobre estudo caso giram em torno do escopo e de questões metodológicas (Godoy, 2006). Neste contexto, Yin (2008) afirma que um estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto no mundo real, sem que ocorra o controle do pesquisador quanto aos eventos (escopo). Já quanto aos aspectos metodológicos, Yin (2008) destaca que o pesquisador terá contato com diversas variáveis e fatores ao longo do período no campo, bem como deve se beneficiar de literatura prévia para a formulação de proposições.

A abordagem de Stake (1995) para a operacionalização de estudos de caso visa compreender os fenômenos em seu contexto, isto é, a sua ocorrência ao longo do tempo. O autor entende que isto possibilita ao pesquisador descrever ações, comportamentos e interações entre os atores envolvidos proporcionando um tipo de conhecimento que gere aprendizagem. Por conta disto, Stake (1995) aponta que o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa voltada para a interpretação do leitor, diferente da visão de Yin que focaliza na formação de proposições.

Além da escolha paradigmática, o pesquisador qualitativo que optar pela operacionalização de uma investigação pelo estudo de caso também envolve deve realizar um recorte temporal, isto é, a partir de estudos longitudinais (Yin, 2008) e de estudos retrospectivos (Voss; Tsiriktsis; Frohlich, 2002). Espera-se, neste momento, apresentar teoricamente estas duas perspectivas e a sua aplicação no contexto de estudos de caso.

A partir dos estudos de Bulgacov, Bulgacov e Canhada (2009) e Tavares e Penedo (2018), percebe-se que o estudo longitudinal abrange a presença do pesquisador em campo por um determinado período de tempo, com o intuito de coletar o máximo de dados possíveis da realidade do pesquisado por meio de entrevistas, reuniões, observação e documentos. No contexto organizacional, a perspectiva do estudo longitudinal proporciona compreender as ações atuais das organizações a partir do seu passado (Teece; Pisano; Shuen, 1997) e isto pode possibilitar perceber as transformações até os dias atuais (Dias; Becker, 2013).

Becker, Dutra e Ruas (2008) defendem esta visão indicando que observar apenas a atualidade pode ocasionar conclusões errôneas.

As pesquisas dentro da perspectiva longitudinal podem ser realizadas por meio de um determinado período de tempo no campo contínuo (Bulgacov; Cachada, 2009) ou por períodos intermitentes (Timmons; Preacher, 2015). A partir da pesquisa de Bulgacov, Bulgacov e Canhada (2009), o estudo longitudinal contínuo pode ser entendido a partir da coleta de dado com a presença do pesquisador em campo por um determinado período de tempo sem que ocorram interrupções. Também se pode depreender do trabalho de Bulgacov, Bulgacov e Canhada (2009) que neste período determinado, o pesquisador coleta os dados sobre o fenômeno que será analisado e, a partir das técnicas definidas para a operacionalização da coleta, segue para a análise e discussão dos resultados. As pesquisas longitudinais em períodos intermitentes abordam os efeitos temporais de determinados períodos no contexto analisado (Timmons; Preacher, 2015). Neste intuito temporal, as pesquisas longitudinais almejam analisar o fenômeno em dois ou mais recortes temporais em busca, por exemplo, de defasagem entre causa e efeito (Collins, 2006; Lana et al., 2018; Timmons; Preacher, 2015).

As duas perspectivas de estudo foram apresentadas (contínuo e intermitente) frente à estratégia de pesquisa do estudo de caso, pois entendemos que ambas podem proporcionar discussões sobre diversos fenômenos analisados (a depender dos objetivos do pesquisador) a partir do ponto de vista de Robert Stake ou Robert Yin, conforme será destacado na seção de discussões.

Em contraponto a perspectiva longitudinal, no estudo retrospectivo os dados são coletados após a ocorrência do fenômeno que o pesquisador deseja analisar (Necyk; Frezatti, 2010). Voss, Tsikriktsis e Frohlich (2002) defendem o estudo de caso retrospectivo como uma estratégia de pesquisa que envolve a seleção de um período passado no qual ocorreram fatos pertinentes à história da organização.

As visões de Voss, Tsikriktsis e Frohlich (2002) e Necyk e Frezatti (2010) proporcionam compreender que o estudo retrospectivo engloba analisar um determinado objeto de estudo a partir de uma visão do passado. É possível

defender o recorte retrospectivo tendo em vista a pesquisa de Necyk e Frezatti (2010), a qual alcançou seus objetivos por meio da abordagem retrospectiva. Ademais, Necyk e Frezatti (2010) defendem o estudo retrospectivo para aprofundar as análises de pesquisas que almejem compreender o desenvolvimento de um fenômeno em um período estipulado.

É perceptível que estudos cuja análise se volte para um recorte retrospectivo na perspectiva das organizações encontram-se direcionados para a área financeira (Silva; Souza, 2019), contábil (Lopes; Beuren, 2018) e ciclo de vida das empresas (Necyk; Frezatti, 2010; Moreira; Frezatti, 2019). Em uma visão prática desta perspectiva de estudo, tem-se a pesquisa de Miller e Friesen (1984) que abordou o estudo retrospectivo. Tal visão foi adotada pelos autores tendo em vista seu objetivo que visava analisar a história da empresa. Por fim, também é possível elencar outros estudos que abordam o estudo de caso retrospectivo, dentre eles cita-se o estudo de Leite *et al.* (2021) que operacionalizou sua investigação por meio do estudo de caso retrospectivo para analisar as características e comportamentos resilientes de uma empresa familiar frente aos primeiros 8 meses de pandemia da Covid-19.

A partir das explanações quanto às formas de operacionalizar investigações com a estratégia do estudo de caso, a próxima seção apresenta uma discussão teórica buscando compreender o alinhamento do estudo de caso longitudinal e retrospectivo frente à perspectiva da estratégia como prática.

Discussões e proposições de estudo

Frente ao panorama de ruptura com os ideais clássicos da estratégia (Mintzberg; Ahlstrand; Lampel, 2010) que se originou com a publicação de Whittington (1996), pesquisadores da área da estratégia (Jarzabkowski; Balogun; Seidl, 2007; Faraj; Jarvenpaa; Majchrzak, 2011; Hautz; Seidl; Whittington, 2017; Yakis-Douglas et al., 2017) têm passado a abordar uma visão micro organizacional, buscando compreender como ocorre o *strategizing* (Jarzabkowski; Balogun; Seidl, 2007).

A abordagem micro organizacional permite analisar a prática do “fazer” estratégia, mas para isso necessita que o pesquisador perceba e compreenda

elementos como as práxis, práticas e praticantes da estratégia e suas inter-relações. Frente a isto, este ensaio teórico busca responder a seguinte questão de pesquisa: “Como os tipos de estudo de caso se alinham (ou não) a operacionalização de pesquisas na perspectiva da estratégia como prática?”, visando proporcionar a pesquisadores da área uma visão quanto a qual estratégia de pesquisa utilizar para operacionalizar seus estudos.

Os estudos que abordam a perspectiva da estratégia como prática lançam um olhar distinto daquele trabalhado na estratégia tradicional (Mintzberg; Ahlstrand; Lampel, 2010), passando a observar o interior da organização e aspectos antes negligenciados na formulação estratégica (Hautz; Seidl; Whittington, 2017; Jarzabkowski, 2005; Whittington, 1996, 2011). Estes aspectos auxiliam na compreensão do *strategizing* que se forma a partir das inter-relações entre práxis, práticas e praticantes (Jarzabkowski; Balogun; Seidl, 2007), assim como no fenômeno de abertura da estratégia que surge desta perspectiva e que pode ser identificado por meio das dimensões de inclusão de pessoas e transparência da informação (Faraj; Jarvenpaa; Majchrzak, 2011; Hautz; Seidl; Whittington, 2017; Yakis-Douglas et al., 2017).

A compreensão das inter-relações entre práxis, práticas e praticantes, que formam o *strategizing*, abrange aspectos cognitivos e comportamentais dos atores envolvidos no processo (Jarzabkowski, Balogun; Seidl, 2007). E, para compreender como estes aspectos se manifestam e promovem o “fazer estratégia”, nosso entendimento é que a operacionalização de uma investigação por meio da abordagem qualitativa e da estratégia do estudo de caso pode proporcionar achados relevantes para o avanço de pesquisas, bem como contribuições para o cotidiano gerencial.

Este entendimento parte das colocações de Creswell (2010) que aponta para a pesquisa qualitativa como aquela que permite explorar o significado que um grupo de atores percebe frente ao fenômeno em estudo. Ademais, esta abordagem de pesquisa permite ao pesquisador interpretar seus dados por meio de suas experiências e também a partir de da linguagem verbal e não verbal e a observação dos atores pesquisados (Creswell, 2010; Stake, 2011).

A partir do que foi apontado e discutido pela perspectiva teórica em tela, entendemos que as experiências e a presença do pesquisador no campo são

essenciais para a percepção tanto do *strategizing* quanto do fenômeno de *open strategizing*. Frente a isto, defendemos a estratégia do estudo de caso, tendo em vista que, segundo Yin (2008), o estudo de caso pode ser visto como uma das principais estratégias para a operacionalização de investigações qualitativas. Ademais, as possibilidades que essa estratégia de pesquisa proporciona por meio das possibilidades de recortes temporais (longitudinal e retrospectivo) podem possibilitar resultados interessantes.

A partir disto, argumentamos que o estudo de caso longitudinal se alinha a perspectiva da estratégia como prática, uma vez que este recorte possibilita ao pesquisador realizar uma coleta de dados por um período contínuo (Bulgacov; Bulgacov; Cachada, 2009) e também intermitente (Timmons; Preacher, 2015). Ademais, a opção pelo recorte longitudinal no estudo de caso possibilita ao pesquisador perceber e compreender a defasagem entre causa e efeito que pode ocorrer no campo de estudo, a qual é destacada por Collins (2006), Timmons e Preacher (2015), e Lana *et al.* (2018).

A defasagem comentada anteriormente pode ser percebida tanto em um estudo de caso com coleta de dados longitudinal contínua ou intermitente. Nossa afirmação parte da visão de que o pesquisador, uma vez inserido no campo por um determinado período de tempo, passa a compreender características e comportamentos dos pesquisados, o que o auxilia a alcançar uma resposta a sua questão e objetivos de pesquisa voltada a estratégia como prática. Os aspectos apresentados e discutidos do estudo de caso longitudinal e da perspectiva da estratégia como prática, nos permitem apontar que a presença do pesquisador no campo com um corte longitudinal é primordial para que ocorra a captação das dimensões da perspectiva em análise (práxis, práticas e praticantes) e do fenômeno (inclusão das pessoas e transparência da informação) originado dela e, por meio disso, alcançar os resultados esperados em sua pesquisa.

Para evidenciar o alcance do nosso ensaio que aponta para o alinhamento do estudo de caso longitudinal com a perspectiva da estratégia como prática, iremos discutir a seguir os elementos que, a partir do desenvolvimento do nosso marco teórico, impedem que o estudo de caso retrospectivo proporcione

resultados relevantes para o âmbito acadêmico e prático de estudos que tomem a perspectiva da estratégia como prática.

Diferentemente do estudo de caso longitudinal, o estudo retrospectivo seleciona um período passado do objeto em estudo para analisar um determinado fenômeno (Voss; Tsikriktsis; Frohlich, 2002; Necyk; Frezatti, 2010). Como pode ser visualizado até aqui, a perspectiva da estratégia como prática busca compreender como se ocorre o “fazer estratégia” (Jarzabkowski, 2005; Jarzabkowski; Balogun; Seidl, 2007) e, com base no que foi apresentado até o momento, entendemos que uma análise retrospectiva inviabiliza percepções do pesquisador quanto a práticas dos atores envolvidos (praticantes) na estratégia em seu cotidiano, uma vez que com o pesquisador não presente no campo para observar, coletar informações de forma alternativa as entrevistas, percepções sobre as inter-relações entre práxis, práticas e praticantes da estratégia passam batidos, ocasionando uma análise rasa desta perspectiva.

Além disso, entendemos que o estudo de caso retrospectivo (Voss; Tsikriktsis; Frohlich, 2002; Necyk; Frezatti, 2010) também não se alinha ao fenômeno de *open strategy* (Chesbrough; Appleyar, 2007) e *open strategizing* (Faraj; Jarvenpaa; Majchrzak, 2011) – provenientes da perspectiva da estratégia como prática –, tendo em vista que analisar momentos passados não permite perceber as dimensões destes fenômenos, a partir, por exemplo, das dimensões de inclusão de pessoas e de transparência da informação (Hautz; Seidl; Whittington, 2017; Yakis-Douglas et al., 2017). Nossa percepção caminha em paralelo ao que foi discutido anteriormente quanto à ausência do pesquisador no dia a dia do seu objeto de análise.

Por fim, fortalecemos nosso argumento apresentado anteriormente a partir de pesquisas destacadas no marco teórico deste ensaio, as quais operacionalizaram suas investigações por meio de estudos de caso retrospectivos (Leite et al., 2021; Lopes; Beuren, 2018; Moreira; Frezatti, 2019; Necyk; Frezatti, 2010; Silva; Souza, 2019). Nos casos mencionados, o objetivo dos autores tangia a análise de como a ocorrência de um fenômeno influenciava o contexto organizacional. Frente a isto, percebemos a incompatibilidade deste recorte temporal com a perspectiva da estratégia como prática, tendo em vista

que o estudo de caso retrospectivo se alinha a análise de um evento findado ou com um recorte do passado.

Frente a isto, retomando a questão norteadora de pesquisa (Como os tipos de estudo de caso se alinham [ou não] a operacionalização de pesquisas na perspectiva da estratégia como prática?) e as reflexões e discussões teóricas decorrentes desta seção, entendemos que é possível formular as seguintes proposições de estudo:

Proposição 1: O estudo de caso longitudinal alinha-se com a perspectiva da estratégia como prática, tendo em vista a análise do fenômeno em estudo ao longo do tempo, o que proporciona uma riqueza de detalhes para a sequência da investigação quanto as inter-relações entre práxis, práticas e praticantes da estratégia.

Proposição 2: O estudo de caso retrospectivo não se alinha com a perspectiva da estratégia como prática, uma vez que a opção por um momento passado não permite a presença do pesquisador em campo para capturar a essência das inter-relações entre as dimensões da estratégia como prática.

Assim, encerramos esta seção e passamos para considerações finais deste ensaio teórico.

Considerações finais

Este ensaio teórico buscou responder a seguinte questão de pesquisa: “Como os tipos de estudo de caso se alinham (ou não) a operacionalização de pesquisas na perspectiva da estratégia como prática?”. Para tanto, foi desenvolvido um marco teórico quanto à estratégia como prática (Whittington, 1996; Jarzabkowski, 2005; Jarzabkowski; Balogun; Seidl, 2007; Whittington, 2011; Faraj; Jarvenpaa; Majchrzak, 2011; Hautz; Seidl; Whittington, 2017; Yakis-Douglas et al., 2017), pesquisa qualitativa (Creswell, 2010; Stake, 2011) e a estratégia do estudo de caso (Stake, 1995; Voss; Tsikriktsis; Frohlich, 2002; Yin, 2008; Bulgacov; Bulgacov; Canhada, 2009; Necyk; Frezatti, 2010; Stake, 2011; Timmons; Preacher, 2015; Yin, 2016), por meio do qual foi possível discutir e refletir sobre o alinhamento do estudo de caso longitudinal e retrospectivo com pesquisas que utilizam a perspectiva da estratégia como prática.

A partir das discussões realizadas, percebeu-se um claro alinhamento do estudo de caso longitudinal com a perspectiva da estratégia como prática, uma vez que este tipo de recorte possibilita a presença efetiva do pesquisador no campo, o que permite a ele perceber relações e conexões, bem como analisar como a estratégia se forma a partir das dimensões da estratégia como prática. Contudo, o mesmo não se apresentou para o estudo de caso retrospectivo, tendo em vista que selecionar um período passado para analisar a perspectiva da estratégia como prática nas organizações dificulta as percepções e compreensões do pesquisador. Isto se explica tendo em vista que o recorte temporal passado impede o pesquisador de se inserir no campo e, portanto, entender as inter-relações entre as dimensões da perspectiva.

Como contribuições teóricas, este ensaio apresentou reflexões que possibilitam a estudiosos da perspectiva da estratégia como prática optar por um caminho teórico-metodológico para operacionalizar seus estudos. Já como contribuições práticas, espera-se que as discussões aqui apresentadas conduzam os pesquisadores da área como um guia para a opção pela estratégia do estudo de caso longitudinal em estudos que tomem a estratégia como prática como plano de fundo teórico.

Como limitações deste ensaio teórico elenca-se fragilidade inerente ao enfoque teórico *per se* (Whetten, 2003) desprovido da etapa empírica, bem como as opções de estratégia de pesquisa adotadas neste ensaio, uma vez que existem outras possibilidades na pesquisa qualitativa que se alinham na perspectiva da estratégia como prática e que podem proporcionar contribuições relevantes na área, por exemplo, a etnografia (Jarzabkowski; Bednarek, 2018). Como estudos futuros destaca-se a oportunidade de avançar as discussões teóricas sobre as estratégias de pesquisa qualitativa que se alinham a perspectiva da estratégia como prática.

Encerramos este ensaio teórico com a percepção de que o estudo de caso longitudinal se alinha a perspectiva da estratégia como prática, sendo possível, portanto, proporcionar contribuições relevantes, tanto na área acadêmica quanto prática, por meio de estudos teóricos e teórico-empíricos.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. (Orgs.). **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos do estudo de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006.

BECKER, G. V.; DUTRA, J. S.; RUAS, R. Configurando a trajetória de desenvolvimento de competências organizacionais: um estudo de caso em uma empresa da cadeia automobilística. In: DUTRA, J. S.; FLEURY, M. T. L.; RUAS, R. L. (Orgs.). **Competências: conceitos, métodos e experiências**. São Paulo: Atlas, 2008.

BULGACOV, S.; BULGACOV, Y. L. M.; CANHADA, D. I. D. Indicadores qualitativos de gestão para incubadoras e empresas empreendedoras incubadas: um estudo longitudinal. **FACES R. Adm.**, v. 8, n. 2, p. 55-74, 2009.

BURGELMAN, R. A.; FLOYD, S. W.; LAAMANEN, T.; MANTERE, S.; VAARA, E.; WHITTINGTON, R. Strategy processes and practices: Dialogues and intersections. **Strategic Management Journal**, v. 39, n. 3, p. 531-558, 2018.

CHESBROUGH, H. W.; APPLEYARD, M. M. Open innovation and strategy. **California Management Review**, v. 50, n. 1, p. 57-76, 2007.

COLLINS, L. M. Analysis of longitudinal data: The integration of theoretical model, temporal design, and statistical model. **Annual Review of Psychology**, v. 57, p. 505-528, 2006.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIAS, J. L.; BECKER, G. V. Abordagem histórico-longitudinal em pesquisas de administração estratégica. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, s/n., p. 37-49.

FARAJ, S.; JARVENPAA, S. L.; MAJCHRZAK, A. Knowledge collaboration in online communities. **Organization science**, v. 22, n. 5, p. 1224-1239, 2011.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 115-146.

GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (Eds.). **Cambridge handbook of strategy as practice**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HAUTZ, J.; SEIDL, D.; WHITTINGTON, R. Open strategy: dimensions, dilemmas, dynamics. **Long Range Planning**, v. 50, n. 3, p. 298-309, 2017.

JARZABKOWSKI, P. (2005). **Strategy as practice: An activity based approach**. Sage, 2005.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: the challenges of a practice perspective. **Humam Relations**, v. 60, n. 1, p. 5-27, 2007.

JARZANKOWSKI, P.; BEDNAREK, R. Toward a social practice theory of relational competing. **Strategic Management Journal**, v. 39, n. 3, p. 794-829, 2018.

LANA, J.; GAMA, M. A. B.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; MARCON, R. O tempo como legitimador da causa: implicações temporais em pesquisas de administração. **Revista Alcance**, v. 25, n. 1, p. 106-119, 2018.

LAVARDA, R. A. B.; CARNEIRO, V.; RESE, N. Estratégia como prática. In: ABDALLA, M. M.; CONEJERO, M. A.; OLIVEIRA, M. A. (orgs.) **Administração estratégica: Da teoria à prática no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2019, p. 159-176.

LEITE, F. K.; CRUZ, A. P. C.; D'ÁVILA, L. C.; WALTER, S. A. Resiliência organizacional e capacidade adaptativa: um estudo de caso em uma empresa familiar gaúcha. In: Encontro da ANPAD, 2021, Evento On-line. **Anais**. Evento On-line: XLV Encontro da ANPAD, 2021.

LOPES, I. F.; BEUREN, I. M. Evidenciação da informação contábil: uma retrospectiva das pesquisas socializadas no congresso ANPCONT. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 6, n. 2, p. 58-80, 2018.

MILLER, D.; FRIESEN P. H. Archetypes of organizational transition. **Administrative Science Quarterly**, v. 25, p. 268-299, 1980.

MINTZBERG, H.; WATERS, J. A. Of strategies, deliberate and emergent. **Strategic Management Journal**, v. 6, n. 3, p. 257-272, 1985.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

NECYK, G. A.; FREZATTI, F. A contabilidade gerencial: uma perspectiva de ciclo de vida de seu desenvolvimento nas organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 55, p. 725-744, 2010.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x Revisão narrativa. Rev. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SILVA, A. P. P. S. S.; SOUZA, A. L. Finanças Comportamentais e Heurísticas: Um Estudo Exploratório Sobre os Riscos Decorrentes da Presença de Vieses na Tomada de Decisão em Finanças. **Revista Formadores**, v. 12, n. 6, p. 83-83, 2019.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. London: Sage, 1995.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SUTTON, R. I.; STAW, B. M. O que não é teoria. **Administrative Science Quarterly**, v. 40, n. 3, p. 371-384, 1995.

TAVARES, V. B.; PENEDO, A. S. T. Níveis de governança corporativa da B3: interesse e desempenho das empresas – uma análise por meio de redes neurais artificiais. **Revista Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 21, n. 1, p. 40-62, 2018.

TEECE, D. PISANO, G. SHUEN, A. Dynamic Capabilities and Strategic Management. **Strategic Management Journal**, v.18, n.7, p. 509-533, 1997.

TIMMONS, A. C.; PREACHER, K. J. The importance of temporal desing: how do measurement intervals affect the accuracy and efficiency of parameter estimates in longitudinal research? **Multivariate Behavioral Research**, v. 50, n. 1, p. 41-55, 2015.

VERGARA, S. C.; CALDAS, M. P. Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 4, p. 66-72, 2005.

VOSS, C.; TSIKRIKTSIS, N.; FROHLICH, M. Case research in operations management. **International Journal of Operations & Production Management**, v. 22, n. 2, p. 195-219, 2002.

WHETTEN, D. A. O que constitui uma contribuição teórico? **RAE**, v. 43, n. 3, p. 69-73, 2003.

WHITTINGTON, R. Strategy as practice. **Long Range Planning**, v. 29, n. 5, p. 731- 735, 1996.

WHITTINGTON, R. Completing the practice turn in strategy research. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 613-634, 2006.

WHITTINGTON, R. The practice turn in organization research: Towards a disciplined transdisciplinarity. **Accounting, Organizations and Society**, v. 36, n. 3, p. 183-186, 2011.

YAKIS-DOUGLAS, B.; ANGIN, D. N.; AHN, K.; MEADOWS, M. Opening and strategy to investors: predictors and outcomes of transparency during organizational transition. **Long Range Planning**, v. 50, n. 3, p. 411-422, 2017.

YIN, R. K. **Case study research**: desing and methods. 4. ed. London: Sage, 2008.

YIN, R. K. **O que é pesquisa qualitativa – e por que você cogitaria fazer este tipo de pesquisa?** Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso, 2016.